

Eleições no Brasil: há saída?

"Nunca discuta com um ignorante. Ele te rebaixará até o nível dele e te vencerá por experiência." – Mark Twain¹

Por que votam no Lula? Não falo da militância, mas dos quase 40% que declaram querer votar nele se vier a ser possível. Achem que ele é um pobre coitado inocente, preso por causa de um "gópi" de Estado? Ou não ligam para o fato dele ser bandido? A primeira razão seria por ignorância, portanto poderia ser corrigida facilmente por uma melhoria aguda na educação de base do povo brasileiro. A segunda já é mais grave. Mostra que corrupção, falta de caráter e vontade de levar vantagem em tudo já estão enraizados em nossa cultura.

De qualquer maneira temos um problema sério para esta eleição (e por que não para todas as próximas também). **O sucesso de qualquer democracia depende do povo.** A própria definição da palavra, "governo pelo povo", diz isso. E quando uma pesquisa recente², a menos de 2 meses do primeiro turno, mostra que **25% dos eleitores não concluíram o ensino fundamental, 50% tem pouco ou nenhum interesse na eleição e 55% conhecem pouco ou nada sobre as opções de candidatos**, temos um outro problema grave. Os eleitores, não educados, sem informações sobre os candidatos nem interesse em obtê-las, serão forçados a "exercer a cidadania" pelo voto obrigatório e eleger nosso próximo presidente.

Estarão certamente muito mais motivados pelas suas necessidades umbilicais imediatas e míopes do que por qualquer minimamente razoável visão de gestão do País e sua preparação para as próximas gerações. Pela mesma pesquisa, dentre todos os problemas que o brasileiro enfrenta diariamente, a área que precisaria mais melhoria seria a saúde, com quase o mesmo percentual que educação e emprego somados. Isso mostra que **os eleitores prezam pelo assistencialismo ao invés de clamarem por educação e emprego.**

Os candidatos sabem desta dinâmica do voto no Brasil e trabalham suas campanhas de acordo. Qualquer ideia divergente, que possa perturbar essa velha política populista é rapidamente rechaçado pelo status-quo. João Amoedo, com ideias diferentes, justamente mirando o desenvolvimento futuro, raramente é chamado para debates. Quando o foi, para um debate patrocinado pela rádio Jovem Pan, os outros candidatos, exceto Álvaro Dias, o boicotaram e o debate teve que ser cancelado. Ele realmente gera medo nos velhos políticos.

Corretamente a candidatura de Lula será impedida, e a nós resta analisar para onde seu grande número de votos irá migrar. Antes do começo dos programas de propaganda política, as pesquisas de intenção de voto ainda estão inconclusivas (se é que o serão em algum momento mais adiante). E é essencial saber para onde esses votos de Lula vão. Inicialmente, pode-se dizer que serão migrados principalmente para Haddad, o substituto petista, e em menor escala para os outros candidatos de esquerda, principalmente Marina e Ciro.

Mas uma análise minuciosa pode trazer outras conclusões. Uma delas é que muito dos votos de Lula serão transferidos para brancos, nulos ou ausentes. Isso é condizente com o nível de interesse do povo e conhecimento prévio dos candidatos. Outra análise, que pode parecer loucura para as pessoas racionais, é que uma parcela pode migrar ao Bolsonaro, principalmente do Nordeste, reduto tradicional Lulista. Bolsonaro pode conseguir voto de um eleitorado ignorante no Nordeste. É um personagem forte em uma região que não conhece ninguém além de Lula, e está com o pior índice de violência do Brasil,

principalmente nas capitais. O eleitor de Lula não é ideológico e Bolsonaro fala o que pensa de forma simples e direta.

O povo quer a mudança que Bolsonaro promete. Mas em 1989 já tivemos um candidato renovador, com discurso forte e contra os políticos tradicionais. Pouco depois de se eleger e após ter confiscado o dinheiro do povo, Collor sofria o impeachment acusado de corrupção. Em 2002 apareceu outro líder carismático, que governaria para o povo, "vendendo" a mudança que o país precisava. Seu reino terminou no maior escândalo de corrupção da história e com a economia brasileira na UTI. Essas histórias se encaixam com tantas outras: **situações extremas gerando revoluções que acabam sendo piores do que a situação inicial.**

A Revolução Francesa teve um grande charme, com a luta dos miseráveis camponeses contra os antigos ideais da tradição e da hierarquia de monarcas, aristocratas e da Igreja Católica. Mas seus resultados ficaram muito aquém do esperado. Os anos seguintes à execução do rei Luís XVI pelos revolucionários franceses foi "carinhosamente" chamada de o Reino de Terror, período no qual entre 16 mil e 40 mil pessoas foram mortas. Culminou na ascensão de Napoleão. Podemos traçar paralelos com a Revolução Russa, Guerra Civil Inglesa e inúmeras outras. Mudança radical nem sempre é boa. Infelizmente o clamor por mudança é forte e é possível termos um segundo turno entre Bolsonaro e PT. Esse é um risco muito grande para os mercados.

Mas o segundo turno ainda está em aberto. Acreditamos que o espólio de Lula será fracionado, o que dificulta imensamente qualquer previsão sobre as eleições. Portanto teremos que esperar pelo início do horário eleitoral e posteriores pesquisas para uma análise melhor. Nada é certo, tudo é possível. Tudo nesta eleição conspira pela incerteza.

Infelizmente, para qualquer precificação dos ativos de mercado, é essencial saber qual será nosso próximo presidente. Principalmente no que tange a **reforma fiscal, essencial para que o Brasil não quebre.** Ciro e Haddad seriam desastres instantâneos. Bolsonaro seria um desastre quando não conseguisse aprovar as reformas necessárias e/ou rompesse com seu ministro da economia Paulo Guedes. Marina teria um efeito médio fazendo as reformas, mas não da maneira ideal, com aumento dos impostos e fim do teto dos gastos. Dentre os candidatos com chance real, Alckmin seria o presidente ideal para a economia, mas sua chance depende muito de uma rápida ascensão nas intenções de voto devido aos muitos minutos a que tem direito no horário político.

Muitos já divulgam seus favoritos para a corrida presidencial. **Neste momento de incerteza, é impossível ter convicção. É importante ser prudente e conservador pois podemos estar a 2 meses de um crash de mercado.** Não seria uma volatilidade como tivemos na eleição de 2014, no processo de impeachment ou no dia da divulgação da escuta de Temer. Seria algo como as crises de 2008, ou a da primeira eleição de Lula em 2002. Ou como as mais antigas, como a crise da Ásia em 1997 ou da Rússia em 1998.

A última grande crise de mercado foi há 10 anos. O mercado está cheio de gestores e consultores que nunca vivenciaram uma crise de tamanha magnitude. O Brasil pode não ter solução, mas com prudência e experiência, conseguimos navegar os bons momentos, nos protegendo das quedas e aproveitando dos juros estruturalmente altos.

Incerteza. Medo. Com a bolsa acima de 75.000 pontos e o dólar perto de R\$ 4 esse medo ainda não está nos preços de mercado. Pode piorar muito.



¹ Samuel Langhorne Clemens (1835-1910), pseudônimo Mark Twain, foi um escritor e humorista norte-americano, conhecido pelos romances The Adventures of Tom Sawyer (1876) Adventures of Huckleberry Finn (1885).

² Pesquisa CNT/MDA divulgada em 20 de agosto de 2018.